

A formação para os media e a escola¹

**"A escola não se pode demitir da abordagem dos media
na sua tarefa educativa"
(Manuel Pinto)**

Partindo do seu conhecimento nesta área, que mudanças previsíveis antevê para a comunicação social nos próximos tempos, tendo em conta, nomeadamente, que a publicidade determina de forma crescente os conteúdos?

Esses problemas são amplos e complexos, mas julgo que um dos fenômenos que valerá a pena analisar, tendo em conta o que se tem passado nos últimos anos, é a tendência para a hibridação de gêneros.

Isto, porque aquilo que no passado eram gêneros perfeitamente definidos – como a informação, a ficção, o espetáculo, a publicidade –, com regras e códigos específicos, tem vindo a dar lugar àquilo a que chamaria uma “contaminação” de gêneros. Assim, a lógica do entretenimento e do espetáculo contamina progressivamente a informação, zonas cinzentas entre a ficção e a informação ganham uma crescente expressão, a publicidade tira cada vez mais partida da lógica da informação, e vice-versa, etc. Este é um fenómeno novo, do qual ainda não existe uma percepção global e aprofundada, que convém continuar a acompanhar.

Outro campo onde estão a ocorrer mudanças profundas, e que irão alterar radicalmente a configuração geral deste sector a que podemos chamar media – que também já começa a sofrer de uma hibridação com as telecomunicações e a informática, e aí também estamos a assistir a novidades importantes – é a emergência de formas de auto-edição, ou seja, ferramentas que abrem a possibilidade ao comum dos cidadãos, individualmente ou em grupo, de disponibilizarem espaços na Internet de onde emergem fenômenos interessantes, que poderão estar a sinalizar novos caminhos para os media clássicos e para o próprio jornalismo.

Estas mudanças irão com certeza colocar novos desafios aos media clássicos, que tenderão ou a incorporar esses novos meios, tirando partido deles, ou eventualmente a reestruturar esses meios tais como os conhecemos hoje.

- Considera que a televisão pode ser uma aliada ou uma inimiga da escola?

Tenho dificuldade em responder de uma forma simplista a essa questão, porque julgo que a televisão é uma realidade autônoma da escola, que marca cada vez mais as últimas gerações, e que, provavelmente sob a forma pela qual hoje a conhecemos ou re combinada, pensada e programada de outras formas, continua e continuará a ser uma realidade que deve ser pensada autonomamente em relação à escola.

Mas uma vez que ocupa um lugar tão relevante no quotidiano das pessoas, e em particular dos mais novos, julgo que a escola dificilmente lhe poderá fugir, quer tentando compreendê-la como um ato cultural, que pode ser cultivado e qualificado – e a escola deve jogar um papel nessa qualificação –, quer encarando-a como um elemento contaminador da lógica da própria escola.

É aí que se se levantam problemas complicados para os professores e educadores, que muitas vezes não sabem em que medida hão de educar de forma não antagônica ao universo televisivo.

- Mas ela reforça ou contraria os conhecimentos da escola?

A primeira questão que devemos ter em atenção é o fato de a oferta televisiva não ser uma realidade homogênea. E se existem programas que, pela sua lógica, contrariarão a lógica da escola e o tipo de aprendizagens que ela potencia, haverá outros que abrem horizontes e que podem funcionar como complemento, e muitas vezes até como substituto, das lacunas da formação escolar. A escola tem de ter em conta esta diversidade de abordagens e procurar valorizá-las no seu interior.

Neste sentido, é importante ajudar os professores e os pais a lidar com esta nova realidade, porque a sensação que perpassa é que os mais novos se sentem mais à vontade com os media e com as novas tecnologias e

que os professores quase se demitem de abordá-los. Mas a escola não se pode demitir da abordagem dos media na sua tarefa educativa.

- Mas para isso seria necessário que os professores tivessem, na sua formação inicial, uma componente de formação na área da interpretação dos conteúdos televisivos...

Sim, e acrescentaria também da imagem, já que o universo do multimídia, no qual a imagem tem um papel decisivo, necessita de uma abordagem mais incisiva, porque não se pode ter um olhar crítico e exercer a própria cidadania e os direitos individuais e coletivos face aos meios de comunicação, e em particular à televisão, sem ter consciência de como a comunicação se processa, procurando compreender a gramática da imagem e a forma como ela é trabalhada a nível mediático.

REFERÊNCIAS:

- A entrevista na íntegra pode ser lida no Jornal A Página. Disponível em www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3933

Acesso em 20/05/2009

¹ Entrevista com Manuel Pinto, diretor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho.